

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

ENSINO
HÍBRIDO
E NOVAS
ESTRUTURAS
EDUCACIONAIS



N1

Revista Educação Continuada

Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais

São Paulo - SP, V.3 n.1, Abril 2021

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Enésio Marinho da Silva Jr.
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.3, n. 1 (Abril 2021) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2021

41p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/6036c6baa953955ba4722ec3>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 30/04/2021

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;
I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O



CEQ Educacional

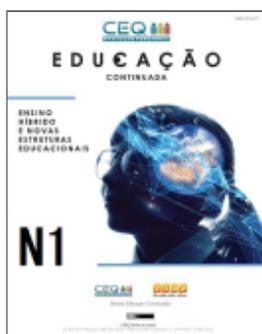
R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

Revista Educação Continuada

<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/6036c6baa953955ba4722ec3>

EDUCAÇÃO CONTINUADA

Sumário



3(1), 2021 Abril (Ensino Híbrido e Novas Estruturas Educacionais)

Nesta e nas próximas edições deste ano de 2021, a revista Educação Continuada pretende reunir trabalhos que possam discutir as estruturas educacionais do ensino híbrido e o possível impacto no futuro da educação.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.5-11

A PERCEÇÃO DO PEDAGOGO SOBRE O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andrea Basso Galuppi

[PDF](#) [PDF](#)

ENSAIO

p.12-16

OS DESAFIOS DO ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS

Jôely Martins Bonfim dos Anjos

[PDF](#) [PDF](#)

p.17-19

CONQUISTAS E DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Luciana dos Santos Sobrinho

 PDF  PDF

p.20-25

DIFICULDADES E DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO NACIONAL

Elisete Maria Reis

 PDF

p.26-34

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA ESCOLA

Elisete Maria Reis

 PDF

p.35-41

A ARTE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Elisete Maria Reis

 PDF

DIFICULDADES E DESAFIOS NA ALFABETIZAÇÃO NACIONAL

Autora: Elisete Maria Reis

RESUMO: Pesquisa fundamentada no pensamento de diferentes autores como J. Telma Weisz, e Emilia Ferreiro e outras contribuições tendo como objetivo identificar conceitos, experiências vividas e partes de subjetividades que contribuíram para analisarmos sobre a importância do profissional psicopedagogo na Instituição escolar para o aprimoramento do aprendizado do educando que possui dificuldades de aprender. Analisando o trabalho do psicopedagogo foi possível identificar sua contribuição na aprendizagem, proporcionando mecanismos que se diferem do cotidiano do aluno meios que oportuniza enfocar os aspectos de inserção do aluno ao processo de ensino-aprendizagem. Assim, com outros profissionais ele busca soluções por meio de ações pertinentes para que a formação do sujeito se concretize perante a sociedade.

Palavras-chave: Alfabetização, Psicopedagogia, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa buscamos abordar as problemáticas da educação nacional, tendo como foco as dificuldades da alfabetização nas séries iniciais, os suportes pedagógicos e os baixos aproveitamentos deles.

As problemáticas identificadas têm como foco nortear questões que possam melhorar e ao mesmo tempo dar parâmetros ao profissional da Educação na busca de soluções nas práticas pedagógicas, no sentido de auxiliar o aprendiz.

DESENVOLVIMENTO

O processo de ensino/aprendizagem é feito da dedicação do educador em conhecer cada um dos seus alunos, dificuldades e habilidades diante de diversas situações e dedicar-se ao aluno partindo do que ele já sabe, e assim conduzi-los para um novo saber aperfeiçoando técnicas, aonde a criatividade e a espontaneidade influenciem no desenvolvimento intelectual, mental e social dos indivíduos.

O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (FERREIRO, 2004, p.61).

Atualmente as pesquisas já focalizam a apropriação do sistema de leitura e escrita apontando percursos para se chegar a uma maneira oficial que chamamos de alunos alfabetizados, há estudos que dão respaldos a linguísticas, outros a práticas psicossociais... e o professor alfabetizador deve compreender como seu aluno aprende para diante de dificuldades, encontre formas de organizar o ensino e proporcionar a aprendizagem significativa.

É necessário que o aprendiz levante hipóteses, experimente, erre e construa um sistema de significados sobre a sua língua, devemos respeitar estágios de desenvolvimento em que ele está, considerar o processo paulatino, constituindo etapas vencidas em seu tempo e ritmo próprio e individual de cada um.

Ferreiro, como demonstra a seguir, traz contribuições de como esse processo pode nos ajudar a entender como funciona esse processo:

“... Quando esta enfatiza que novas informações [...] vão desestabilizando a hipótese silábica até que a criança tem coragem suficiente para se comprometer em seu novo processo de construção. O período silábico-alfabético marca a

transição entre os esquemas prévios em vias de serem abandonados e os esquemas futuros em vias de serem construídos. Quando a criança descobre que a sílaba não pode ser considerada como unidade, mas que ela é, por sua vez, reanalisável em elementos menores, ingressa no último passo da compreensão do sistema socialmente estabelecido. E, a partir daí, descobre novos problemas: pelo lado quantitativo, se não basta uma letra por sílaba, também não pode estabelecer nenhuma regularidade duplicando a quantidade de letras por sílaba (já que há sílabas que se escrevem com uma, duas, três ou mais letras); pelo lado qualitativo, enfrentará os problemas ortográficos (a identidade de som não garante a identidade de letras, nem a identidade de letras a de som)". (FERREIRO, 1985, p. 13-14).

Portanto, a aprendizagem de cada aluno deve ser cuidadosamente acompanhada; a Psicogênese da língua escrita descreve como o aprendiz se apropria dos conceitos e das habilidades de ler e escrever, mostrando que a aquisição desses atos linguísticos seguem um percurso semelhante àquele que a humanidade percorreu até chegar ao sistema alfabético, ou seja, o aluno, na fase pré-silábica do caminho que percorre até alfabetizar-se, ignora que a palavra escrita representa a palavra falada, e desconhece como essa representação se processa. Ele precisa, então, responder a duas questões: o que a escrita representa e o modo de construção dessa representação.

Thaís Gurgel cita na Revista Nova Escola (edição 204- ago/ 2007) uma matéria sobre Agrupamentos produtivos embasada nas pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, que explicam que as crianças criam hipóteses diferentes sobre a prática da escrita, o professor observa através de uma sondagem a escrita da criança, com quantas letras ela escreve uma palavra ditada, quais são as letras escritas e em que ordem elas aparecem.

Na fase em que o aluno assimila que para escrever é preciso uma quantidade mínima de três letras diferentes a

hipótese é considerada pré-silábica. Quando passa a registrar uma letra para cada emissão sonora a criança está no nível silábico, inicialmente sem valor sonoro e depois com a correspondência sonora nas vogais e/ou consoantes. Na hipótese silábica- alfabética, as escritas incluem sílabas representadas com uma única letra e outras com mais de uma letra. E, finalmente, quando começa representar cada fonema com uma letra considera-se que ele compreende o princípio alfabético de nossa escrita. No entanto, mesmo nessa fase, os alunos ainda representam erros de ortografia.

De acordo com Gurgel (2007) vamos exemplificar= como poderia ser a escrita da palavra "camiseta" considerando cada hipótese de escrita:

Pré-silábica: PBVAYO

Silábica sem valor sonoro: ERFE

Silábica com valor sonoro: KIZT

Silábico-alfabética: KAIZTA

Alfabética: CAMIZETA

Podemos observar que no último exemplo o aluno está na fase alfabética, mas ainda escreve com erro ortográfico, no nível pré-silábico. Em um primeiro momento, o aluno pensa que pode escrever com desenhos, rabiscos, letras ou outros sinais gráficos, imaginando que a palavra assim inscrita representa letras a que se refere a palavra ditada, ele está em fase de apropriação do sistema de escrita, aos poucos ele avança e aprende que as letras se diferem de desenhos ou garatuja.

Na tentativa de compreender o sentido da leitura, Emilia Ferreiro (1985) diz que existe um fator que interfere nesse ato, ele é o cognitivo, onde a criança não assimila os processos na organização da construção do conhecimento.

Segundo a autora "As crianças enfrentam este problema não somente quando produzem uma escrita, mas quando procuram ler e interpretar a escrita produzida por outra pessoa". É nesse momento que entra em cena o

conhecimento prévio.

De acordo com suas ideias, o professor deve valorizar o conhecimento prévio abrangendo a capacidade cognitiva de expressão, explorando o raciocínio lógico e o aprendizado da leitura em sala de aula, usando a mediação como instrumento principal.

Vale salientar que dificuldades e desafios fazem parte da rotina na sala de aula e o psicopedagogo é um profissional que vem para intervir junto a equipe escolar na identificação e resolução das dificuldades de aprendizagem, os conceitos e as teorias também passam por críticas;

O problema era a falta de fundamentação linguística a respeito da aquisição do sistema de escrita, principalmente no tratamento que não foi dado a ortografia da língua, fato que promoveu confusões a mal-entendidos entre os alfabetizadores na época em que as ideias das autoras foram difundidas no Brasil. Tfouni (2010) traz o conceito de alfabetização:

Existem duas formas segundo as quais comumente se entende que a alfabetização ou como o processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes”. (p.15)

Nesse trecho podemos notar que a autora demonstra o quanto há um mal-entendido na definição do ato de alfabetizar, na primeira perspectiva a alfabetização é algo que possui um fim pré-definido, instrução formal, ou seja, quando a criança usa na execução de objetivos instrucionais, na segunda perspectiva o processo é inacabado, devido as mudanças que são contínuas e constantes no nosso meio.

Sandroni apud Machado salientam que:

“Pesquisas já mostraram que as histórias favoritas de crianças de diversas idades refletem os conflitos emocionais e as fantasias particulares, que elas

experimentam em diversos momentos da vida. Lendo, a criança se identifica com esta ou aquela personagem, numa situação a alguma já vivida, e isto pode ajudá-la a resolver seus problemas.” (1987, p.11)

Nessa perspectiva, observamos que a leitura quando compartilhada e mediada faz alunos ultrapassarem barreiras e podem resolver problemas, assim sendo nas dimensões do ensino aprendizagem, devem incentivar os alunos a essa questão, porém muitos não criam uma rotina de incentivo a essa mobilização, aonde diariamente o educador analise e selecione livros que irão proporcionar em seus alunos, busca da compreensão do ato de ler e propicie prazer aos ouvintes.

Contemplar a leitura como processo sócio discursivo compreende profissionais que se prontificam a auxiliar e exercitar soluções de problemas de aprendizado, o processo é de criar sentidos sem buscar receitas prontas, inexistentes, procurando fórmulas mágicas para que os alunos aprendam a ler, escrever e interpretar de maneira coesa e coerente, mas sim metodologias, que repense os conteúdos e elimine o fracasso escolar.

FUNDAMENTADO À ALFABETIZAÇÃO

Educar e alfabetizar em um mundo em que se transforma a cada dia é um desafio da atualidade, nossa realidade está permeada de informações que chegam cada vez mais velozmente. Na escola temos que respeitar os diferentes contextos em que o ensino-aprendizagem deve absorver novos conhecimentos disponíveis e informar o público que é fundamental agregar um pouco de tudo que faz parte da realidade cotidiana.

Alfabetizar, portanto, é o processo pelo qual se atende a instrução formal da escola, processo da aquisição da escrita por indivíduos ou grupo de indivíduos, segundo Tfouni (2010, p.20) corresponde a um modelo linear e positivo de desenvolvimento...o qual a criança aprende a usar e a decodificar símbolos, gráficos que representam o

som da fala.

Então, alfabetizadas são pessoas que adquiriram a escrita e letramento é um processo que focaliza os aspectos sócio-histórico da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, é produto do desenvolvimento e avanços do mundo:

Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-histórico da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. Entre outras, os estudiosos do letramento procuram responder (...) desse modo (...) que o letramento não se restringe somente aquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as consequências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos postos. (Tfouni, 2010, p.20-21)

A linguagem é um fenômeno social, estruturado de forma dinâmica e coletiva, portanto a escrita também deve ser vista do ponto de vista cultural e social. Para dar conta desse processo de inserção numa cultura letrada tal como a atual, utiliza-se no nosso meio a palavra letramento.

Durante muito tempo, pensava-se que ser alfabetizado era conhecer o código, linguístico, ou seja, conhecer as letras do alfabeto. Atualmente sabe-se que embora necessário o conhecimento das letras não seja suficiente para ser competente no uso da linguagem escrita, pois a língua não é um mero código para comunicação.

A alfabetização (ou o conhecimento das letras) é apenas um meio para o letramento (uso social da leitura e da escrita). Para formar cidadãos participativos, é preciso levar em consideração a noção de letramento e não de alfabetização.

Letrar significa inserir a criança no mundo letrado, trabalhando com diferentes usos da escrita na

sociedade. Essa inserção começa muito antes da alfabetização propriamente dita, quando a criança começa a interagir socialmente com as práticas de letramento no seu mundo social.

O letramento é cultural por isso muitas crianças já vão para escola com conhecimentos adquiridos incidentalmente com o conhecimento adquirido no dia a dia.

Paulo Freire (1991, pág. 8) afirma:

“E aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ademais, a aprendizagem da leitura e a alfabetização são atos de educação e educação é um ato fundamentalmente político”.

Como afirma Freire para ler o mundo o educador deve superar as dificuldades que enfrentam para ensinar alguém a ler, deve-se buscar no cotidiano do aluno técnicas, meios didáticos para desenvolver essa capacidade; linguagens e realidades fazem parte da realidade dos envolvidos no processo; a escola deve buscar a formação para exercícios de cidadania, é através dessa que o ato de educar se confirma, pois, educação é ato político.

Isso implica que a escola deve envolver o meio social, articular essa influência proporciona aprendizado e o desenvolvimento intelectual da criança, através dele que a inteligência é ampliada, desde que seja estimulada. Cabe aos seus familiares e seus educadores direcioná-los a rumos inovadores, onde a criança possa interagir como meio, adquirindo conhecimento que sejam refletidos na escola e na sociedade. Esses conhecimentos são instrumentos para o processo de alfabetização.

Por outro lado, pais e educadores não devem desanimar, tendo consciência da importância de inserir a leitura no cotidiano da criança, reduzindo seu tempo frente à tecnologia e mostrando que os livros poderão conduzi-los ao outro mundo, o mundo da imaginação

literária onde a criatividade não tem limites.

Soares afirma (2004) que para começar introduzir a alfabetização não é somente com letras e números. As músicas, histórias, brincadeiras, brinquedos pedagógicos também é uma forma de ensinar e alfabetizar as crianças, mudando apenas a prática de ensino, mas o resultado será praticamente o mesmo.

Já na visão de Emilia Ferreiro, (1985) o sistema da linguagem escrita é de construção, de representação e decodificação de códigos; com isso as crianças compreendem o processo na construção do conhecimento do real com as representações.

Pensando em todo o processo, não é somente o professor quem tem a responsabilidade de incentivar a leitura ao aluno, cabe aos pais e responsáveis direcioná-los e proporcioná-los a esse caminho onde a criança encontre referências que favorecem na sua vida, tanto pessoal, social quanto intelectual.

A educação numa instituição escolar visa à vida no meio social, são os pais quem dão o alicerce ao caminho que os filhos devem seguir, Paulo freire concorda com essa ideia nos seguintes trechos:

“A escola não alfabetiza, ela dá continuidade a um processo de alfabetização já em pleno desenvolvimento”. “Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo, e não do mundo maior dos meus pais, o chão foi meu quadro negro, gravetos o meu giz...” (FREIRE, p.15, 1991).

Desde muito cedo a criança convive com práticas de leitura onde as dificuldades vão aparecendo no momento que passa a deparar com a escrita, enfrentam problemas de coordenação, pois o seu intraescolar e extraescolar está acostumado com rótulos que aprendeu a decodificar na sua rotina onde construiu o seu próprio sistema de compreensão.

“Finalmente queríamos enfatizar o quão necessário é este tipo de processamento pormenorizado de dados se pretendermos idealizar meios de intervenção que considere os problemas, conforme são definidos pelas crianças. Não estamos sugerindo que todas as crianças enfrentem exatamente os mesmos problemas de coordenação, mas sim que todas elas terão problemas quando tentarem coordenar os aspectos quantitativos e qualitativos da escrita, que todas elas passarão por sequência de critérios intra e inter-relacionais de diferenciação e que todas elas constroem sistemas interpretativos que não replicas espelhadas daquilo que lhes foi ensinado”. (FERREIRO, p. 64, 1985)

Em se tratando de dificuldades de aprendizagem para exercício da escrita, não podemos buscar uma única forma de se ensinar, ou um reflexo daquilo que deu certo “réplicas espelhadas”, é necessário ir além constituir atividades que envolvam diversidade em gêneros, sem utilizar um único recurso porque o aluno deve ser sujeito ativo na relação buscando compreender e se apropriar dela participando das práticas sociais quanto ao sistema simbólico, tecnológico em diferentes contextos.

É necessário que objetivos a serem atingidos trabalhem com a instrução formal e práticas escolares, assim sendo, as práticas escolares devem atender as metas que a escola propõe enquanto lugar onde se alfabetiza o que torna difícil enfrentar as variáveis separadamente.

A alfabetização deve considerar tudo e buscar sempre aperfeiçoamento em linhas de pesquisas e conceitos novos, não podemos simplesmente falar em graus e níveis de aprendizagem, porque a prática depende das práticas e níveis sociais nas quais a criança está inserida e necessita desenvolver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é o principal instrumento de socialização ao longo da vida, assim como o pleno desenvolvimento de uma sociedade. É nela que constituímos conceitos e bases para desenvolvimento e ascensão social.

Nos últimos anos a educação nacional está perdendo espaço na sociedade. Elas não veem como alternativa para suas sustentações. As necessidades imediatas de trabalho para eles se manterem identificam a educação um entrave para eles.

Os profissionais da educação vivem um momento histórico onde precisam lidar não só com a questão educacional, mas também com o convencimento. Informar aos discentes sobre a necessidade do saber, informar sobre o mundo de transformação que vivemos atualmente e que pode tornar-se mais concorrente futuramente.

Embora a sociedade atual tenha mais oportunidade de acesso à educação, as questões sociais da atualidade fazem com que jovens não consigam concluir seu círculo de ensino. Muitos são obrigados suspender seus estudos para trabalhar e auxiliar na renda familiar.

Na mesma evolução, podemos destacar o ensino superior que se soma o despreparo educacional as suas disponibilidades para estarem presentes em suas formações, fazendo com que eles não consigam um bom aprendizado e formação superiores.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia- Alfabetização em Processo - Editora Cortez - 15ª Edição - ano 2004.

FERREIRO, Emilia, Cultura Escrita e Educação, Ed. Artmed, São Paulo, 2011

FERREIRO, Emilia, Psicogênese da Língua Escrita, Ed. Artmed, São Paulo, 2011

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4), SP

GURGEL, Thaís. Agrupamentos produtivos. Disponível em:

SANDRONI, Laura C. e, MACHADO, Luiz Raul. A criança e o Livro. 1987 p.11 2ª edição.

SOARES, Magda - Alfabetização: A questão dos métodos Amazon, 2016

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. . São Paulo: 9ª edição, Ed. Cortez, 201